IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

RELAÇÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO DAS PERSPECTIVAS INFANTIS NA ESCOLA

Eixo Temático 15 – GÊNERO E SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR COMO RESISTÊNCIAS INVENTIVAS: O QUE PODE O "CHÃO DA ESCOLA"?

Lívia Monteiro Rodrigues Lira[1]
Viviane de Bona[2]

RESUMO

Este trabalho tem como intuito analisar as perspectivas infantis sobre questões de gênero à luz da Teoria das Representações Sociais. Foram conduzidas cinco sessões de grupos focais com crianças do 4º ao 6º ano em duas Escolas Municipais do Recife, utilizando dinâmicas adaptadas do Projeto ArtPad para dialogar sobre objetos e funções sociais por gênero. A análise de conteúdo revelou a influência das representações sociais nas percepções infantis, bem como a capacidade das crianças de assimilar e reelaborar estereótipos no contexto escolar. O forte engajamento nos debates evidenciou a importância de inserir o diálogo sobre diversidade de forma inclusiva no ambiente educacional.

Palavras-chave: Educação; Gênero, Infâncias, Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

O âmbito escolar, enquanto espaço privilegiado de socialização, configura uma diversidade de campos tensionados por disputas de sentidos e significados. Nesse cenário, as questões de gênero e sexualidades emergem como dimensões incontornáveis da formação humana e, concomitantemente, como alvos frequentes de normatização. Desse modo, as estruturas que compõem as políticas educacionais, os currículos, as culturas escolares e os diversos discursos – pedagógicos, disciplinares, midiáticos, políticos, sociais, religiosos e familiares – são profundamente influenciadas pelas relações de gênero. Tais conjuntos de normas atuam de forma interligada, conflitante e constantemente negociadas no cotidiano

[1] Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, livia.monteiro@ufpe.br
[2] Professora da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, viviane.bona@ufpe.br

escolar, moldando formas específicas de subjetividade que são construídas e atravessadas por dimensões do gênero e da sexualidade (Alice Lopes; Anna Luiza Oliveira; Oliveira, 2018). Ou seja, o período primordial da Educação Básica designa a oportunidade de interligação das infâncias, diversas em seus marcadores de raça, classe, território, etnia, gênero e sexualidade, caracterizando-se enquanto *locus* de inscrições intelectuais, socioculturais e psicológicas, onde o corpo eventualmente ganha destaque (Claudia Vianna; Daniela Finco, 2009).

Portanto, pensar o chão da escola como território de resistências inventivas nos conduz a reconhecer que práticas pedagógicas, experiências infantis e relações cotidianas são atravessadas por representações sociais que atribuem sentidos diversos às identidades de gênero e às expressões de sexualidades. Tais representações, longe de serem neutras, operam como mecanismos simbólicos de poder e pertencimento, atravessando a constituição subjetiva das infâncias e sua inserção no mundo social (Silva, 1998).

Dessarte, o referencial teórico que embasa a estruturação da análise das perspectivas infantis sobre as relações de gênero nas escolas apoia-se na Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici, ainda em 1961. Ao perscrutar as diferentes formas de produção de conhecimento, o prisma teórico das representações sociais aponta a relevância dos fenômenos que têm suas explicações pautadas na dinamicidade das mudanças sociais, originária das diversidades grupais e perpetuadas através do senso comum (Moscovici, 2007; Denise Jodelet, 2001). Assim, esses mecanismos indicam uma maneira de interpretar a realidade cotidiana através dos processos de comunicação social, dotados de um acervo cultural definido por códigos, valores e ideologias ligadas a pertencimentos sociais específicos (Viviane Bona, 2022).

Logo, a pesquisa[3] que suscita este trabalho parte da inquietação sobre como as Escolas Municipais, no contexto brasileiro recente, têm acolhido ou refutado os debates sobre diversidade de gênero e sexualidades. Por isso, foi estabelecido como objetivo identificar quais as representações sociais que crianças de 9 a 11 anos de idade, estudantes da rede municipal de ensino de Recife-PE, têm a respeito das relações de gênero. Ademais, a partir da análise de produções científicas publicadas entre 2004 e 2021 nos anais do GT 23 da ANPED - grupo voltado especificamente à temática de Gênero, Sexualidade e Educação – buscou-se

[3] Pesquisa financiada por bolsa PIBIC CNPq - UFPE

mapear quais experiências e discussões têm emergido do cotidiano escolar como formas de invenção e resistência. A escolha metodológica por uma revisão das produções do GT23 permitiu identificar tanto lacunas quanto potências nas pesquisas da área. Embora o debate sobre gênero tenha avançado nos campos acadêmico e educativo, a escassez de investigações que posicionam as crianças como sujeitos de fala e ação ainda é notável. Tal constatação reforça a urgência de escutar as infâncias e considerar suas percepções sobre o que afeta suas vidas (Corsaro, 2011), aqui destacamos os corpos, os sentidos e as normas sociais que operam na organização escolar .

Por conseguinte, diante de um contexto político marcado por investidas conservadoras contra os debates de gênero nas escolas (Fabiana Carvalho; Inocêncio, 2021), a valorização do chão da escola como espaço de resistência e invenção torna-se um gesto político e ético. Mais do que um campo de reprodução de normas, a escola pode ser ressignificada como lugar de escuta, de criação e de transformação, especialmente quando se permite afetar pelas vozes infantis, por suas perguntas, inquietações e modos plurais de existir. Assim, visibilizar as experiências de gênero nas infâncias é também afirmar o direito dessas crianças à complexidade, à autonomia e à diversidade que compõem o mundo que habitam e ajudam a construir (Cléria Bueno, 2006).

METODOLOGIA

A aplicação metodológica do estudo teve início após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), assim como a anuência da Prefeitura do Recife, das instituições escolares envolvidas e do consentimento dos responsáveis legais pelas crianças participantes. Para condução do projeto, optou-se pela técnica de Grupo Focal, definida pela reunião de grupos entre seis e doze pessoas que compartilham alguma característica em comum e têm experiências relacionadas ao tema em discussão. A escolha desta técnica justifica-se pela sua capacidade de favorecer a compreensão dos processos de construção da realidade social, das ideias partilhadas no cotidiano e das formas de influência entre os indivíduos (Bernadete Gatti, 2005).

Foram realizadas quatro visitas a duas Escolas Públicas Municipais localizadas em Recife-PE, contando com a participação total de 31 crianças, além de um observador e um auxiliar responsável pela captação de áudio e vídeo. Nas duas primeiras visitas, foram executados estudos-piloto guiados por um roteiro previamente elaborado, com base na

dinâmica adaptada "Eles e Elas não podem", proposta pelo projeto ArtPad (July Maccarthy; Karla Galvão, 2001). Antes do início da sessão, foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido[4] e realizado um momento de *rapport*, com o objetivo de acolher as crianças e promover um ambiente seguro e descontraído para a interação, utilizando temas de interesse delas. Os participantes foram posicionados em semicírculo, favorecendo tanto a interação quanto a gravação das sessões. Nesse momento, foram colhidos nomes, idades, ano escolar e o nome fictício de preferência de cada criança, os quais foram registrados em crachás personalizados com canetas coloridas.

Na primeira dinâmica, foram dispostos no chão ou em mesas três cartazes com as categorias "Menino", "Neutro" e "Menina". Em seguida, as crianças foram convidadas a classificar os seguintes objetos nessas categorias: boneca, carro, lápis, colher, panela, batom, relógio, tiara, tênis, salto, esmalte, caixa de som e pente. Após a categorização, iniciou-se uma conversa com as seguintes perguntas disparadoras: "Sobre eles e elas não podem algo, o que vocês acham sobre isso?"; "O que para você diferencia homem e mulher? Ou não tem diferença?".

Na segunda sessão de grupo focal, seguiu-se o mesmo procedimento, diferenciando-se apenas pela categorização de cartazes com funções sociais como: pedreiro(a), doméstica(o), confeiteiro(a), motorista, engenheiro(a), dançarino(a), médico(a), atleta, professor(a), agricultor(a), além de tarefas cotidianas como lavar roupa, lavar prato, forrar a cama, varrer a casa, cozinhar, lavar carro, pagar contas, lavar o banheiro, molhar as plantas e trocar lâmpada. Em seguida, foi feita a transcrição do material audiovisual gravado e, considerando o caráter qualitativo da pesquisa, os dados foram analisados a partir da técnica de Análise Temática de Conteúdo (Laurence Bardin, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral, a maioria dos grupos focais categorizou os objetos da dinâmica da seguinte forma: neutro - colher, caixa de som, panela, relógio, lápis, tênis, pente, bola; menino - carrinho; menina: salto, boneca, tiara, esmalte, batom. As crianças demonstraram-se veementemente engajadas na discussão e motivadas para participar da dinâmica proposta. As maiores divergências emergiram a partir das reflexões sobre as atribuições dos objetos mais

[4] Para participar, cada criança teve previamente a autorização de um de seus responsáveis, conforme indicado no parecer consubstanciado do Comitê de Ética da UFPE, que aprovou a pesquisa.

culturalmente atrelados aos papéis cristalizados do binômio feminino-masculino, como o carrinho, o salto, a boneca, a tiara, o esmalte e o batom. A partir das interações e exposição de diferentes argumentos entre os participantes, revelou-se o potencial criativo e empático das crianças no tocante à ressignificação de suas compreensões sobre as relações de gênero representadas nas ferramentas lúdicas e funcionais simbolizadas. Por exemplo: *"Porque a gente agora escutou nossos amigos falando, aí agora a gente entendeu mais sobre que carrinho é neutro" (sic) (Maria, 8 anos).*

No tocante às funções sociais, a categorização se estabeleceu também com poucas divergências: menina - dançarina, molhar as plantas e confeiteira; menino pedreiro, engenheiro, trocar lâmpada e lavar carro; neutro - todas as demais. Ressalta-se que, durante esse processo, surgiu a indagação sobre o significado da categoria "Neutro", visto que não é um descritor que costuma se apresentar junto ao binômio de gênero (masculino-feminino) vigente no contexto social dessas crianças. Após receberem a explicação de que o "neutro" poderia se referir a objetos que se encaixam tanto no gênero masculino, quanto no feminino ou até mesmo em nenhum dos dois, os estudantes compreenderam rapidamente a proposta para a categorização. As justificativas expressas pelos participantes apoiavam-se principalmente nas suas experiências pessoais, ensinamentos dos seus círculos sociais e exemplos midiáticos. Ou seja, demonstraram a aprendizagem sobre as relações de gênero pautadas nas representações sociais recorrentes no seu cotidiano.

Além disso, relatos como, *"Geralmente engenheiro não é mais sobre o gênero e sim sobre a inteligência" (sic) (Felipe, 11 anos),* ilustram o pressuposto de que a consolidação da identidade e das vivências sociais não estão isoladas, mas sim articuladas com a representação social pública e coletivamente caracterizadas por diversos aspectos dos sujeitos. Assim, as transformações paradigmáticas exigidas no contexto social vigente estão profundamente ancoradas no papel desempenhado pela educação, tanto formal quanto informal: o de possibilitar o surgimento de uma nova consciência, ainda na infância, que reconheça as diferenças como um princípio fundamental e direito inalienável à diversidade, e não como justificativa para a manutenção das desigualdades (Bueno, 2006).

Em consonância com Lopes, Oliveira e Oliveira (2018), reitera-se que os tabus erigidos em torno da noção de "gênero" buscam precisamente perpetuar os modelos hegemônicos de masculinidade/feminilidade, reafirmando discursos binaristas e heteronormativos e almejando

o controle das realidade construídas nos contextos escolares e sociais contemporâneos. Por isso, quando os participantes dos grupos focais foram perguntados sobre o que diferencia homens e mulheres, ou se não existe uma diferença, as respostas apresentaram diversas explicações que se pautaram no caráter biológico e estético dos indivíduos. Apontaram diferenças por elementos como vestuário, comprimento e estilo capilar, constituição corporal, e força física (masculina se sobressaindo a feminina). Um dos participantes relatou: *"Homem é igualzinho a mulher [...], só muda que a mulher tem que ter algumas coisas a mais que os homem, porque algumas pessoas ficam abusando a voz dos homem, algumas pessoas que tem voz fina, aí ficam falando 'voz de viado', aí a pessoa fica triste" (sic) (Alê, 10 anos).* Durante esse relato, algumas crianças reagiram com risos contidos, revelando o desconforto diante de temas pouco debatidos. A situação evidencia a importância de uma educação que retrate as questões de gênero e sexualidade de maneira digna, propiciando a construção de um senso crítico nas infâncias e evitando a reprodução de valores dominantes discriminatórios que se baseiam numa lógica dualista de gênero e perpetuadora de estereótipos (Marangon; Leilah Bufrem, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitem compreender que há uma dinâmica dialética entre as representações sociais que permeiam as questões de gênero na infância e a capacidade ativa das crianças em resistirem e reconfigurar tais construções. Esse movimento revela indícios de uma lógica desconstrutiva frente às normatividades sociais e aponta para a potência inventiva do protagonismo infantil na ressignificação de conceitos. Nesse sentido, o chão da escola emerge como território fértil para práticas educativas que reconheçam as infâncias como agentes sociais e culturais capazes de tensionar, reinventar e transformar a realidade vigente.

Destarte, reitera-se a importância da aplicação de pesquisas e intervenções que englobam e estimulam o protagonismo e perspectivas infantis, mesmo diante do confronto com a disseminação do "pânico moral" neoconservador (Lopes; Oliveira; Oliveira, 2018) em torno das temáticas de gênero e sexualidades no âmbito escolar. Portanto, o interesse indubitável e a curiosidade lídima das crianças envolvidas na investigação elucidam a demanda por um sistema de educação obstinado na desconstrução de caminhos restritivos e preconizadores de violências identitárias simbólicas e históricas. Em outros termos, preza-se pela instauração e propagação de pedagogias do gênero e das sexualidades que almejam a luta

diária pela equidade, pela justiça social e pela liberdade das múltiplas formas de ser, amar, se expressar e viver as infâncias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad.Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONA, Viviane de. **Estudo das práticas docentes: representações sociais em foco**. Belo Horizonte: Caravana, 2022.

BUENO, Cléria Maria Lôbo Bittar. O Papel Das Representações Sociais E Da Educação Para O Desenvolvimento Da Identidade De Gênero. **Bras Crescimento Desenvolv Hum**. v. 19, n. 3, p. 92-103, 2006.

CARVALHO, Fabiana Aparecida; INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando. O desagendamento da educação para os corpos, gêneros e sexualidades: um projeto neoliberal, um arranjo neoconservador e as várias pedagogias fascistas. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 23, n. 2, p. 236-257, 2021.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, v. 17, n. 44, p. 1-21, 2001.

LOPES, Alice Casimiro; DE OLIVEIRA, Anna Luiza AR Martins; DE OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa. **Os gêneros da escola: eo (im) possível silenciamento da diferença no currículo**. Editora UFPE, 2018.

MACCARTHY, July; GALVÃO, Karla. **ARTPAD:** Um recurso para teatro, participação e desenvolvimento. DiFID, UK, Brasil e Peru, 2001.

MARANGON, Davi; BUFREM, Leilah Santiago. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXIII., 2010, Caxambu. **Anais.**

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. 5.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A poética e a política do currículo como representação. **Reunião Anual da Anped**, v. 21, p. 199, 1998.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu**, p. 265-283, 2009.